

O Livro de Daniel - Número Doze

Escuridão

Jeff Pippenger

2023-12-07

Uma palavra ou uma frase que é repetida na palavra inspirada é um símbolo da mensagem do segundo anjo.

E no segundo ano do reinado de Nabucodonosor, Nabucodonosor sonhou sonhos, com os quais o seu espírito se perturbou, e o sono se lhe foi. Então o rei ordenou que se chamassem os magos, os astrólogos, os feiticeiros e os caldeus, para mostrarem ao rei os seus sonhos. Assim eles vieram e se apresentaram diante do rei. E o rei lhes disse: Sonhei um sonho, e o meu espírito se perturbou para conhecer o sonho. Daniel 2:1-3.

Na "escuridão" da noite, Nabucodonosor sonhou com uma imagem, mas não conseguiu lembrar-se do sonho. Num sonho da noite, sonhou com uma imagem, mas o sonho da imagem era tão obscuro ao seu entendimento quanto a noite em que havia sonhado o sonho.

Então falaram os caldeus ao rei em siríaco: Ó rei, vive para sempre; dize a teus servos o sonho, e nós te mostraremos a interpretação. O rei respondeu e disse aos caldeus: O negócio se me foi; se não me fizerdes saber o sonho, com a sua interpretação, sereis despedaçados, e as vossas casas serão feitas em monturo. Mas, se me mostrardes o sonho e a sua interpretação, receberéis de mim dádivas e recompensas e grande honra; portanto, mostrai-me o sonho e a sua interpretação. Daniel 2:4-7.

O teste do sonho da imagem de Nabucodonosor foi um teste concebido para identificar quem poderia fornecer uma descrição profética correta de uma imagem que está envolta em trevas, juntamente com a interpretação do conteúdo do sonho. A mensagem do segundo anjo, à qual se juntou a mensagem do Clamor da Meia-Noite na história milerita, havia sido tipificada por Elias no desafio no Monte Carmelo. Também foi um teste que manifestaria, não apenas quem era o verdadeiro Deus, mas também quem era o verdadeiro profeta. William Miller, que a Irmã White diz diretamente ter sido tipificado por Elias, representou Elias no Monte Carmelo. Todavia, não era tanto William Miller que estava sendo representado, mas sim as regras de interpretação profética que ele fora levado a compreender. No Monte Carmelo, os profetas do deus masculino Baal e os profetas da deusa Astarote foram demonstrados como falsos profetas. Na história dos mileritas, as igrejas protestantes foram demonstradas como falsos profetas, tal como tipificado no Monte Carmelo.

Quando as igrejas protestantes manifestaram sua rejeição às regras de interpretação profética de William Miller, tornaram-se filhas de Roma. Profeticamente, uma filha é uma imagem de sua mãe. A prova que os protestantes falharam na história milerita foi a prova que identificou e produziu uma imagem (filha) da besta. Foi ali que o chifre do verdadeiro protestantismo se manifestou, em oposição ao chifre do protestantismo apóstata. Nabucodonosor estava exigindo uma interpretação

e, ao fazê-lo, estava providencialmente envolvido em produzir uma manifestação tanto dos falsos quanto dos verdadeiros profetas.

Responderam outra vez e disseram: Conte o rei o sonho aos seus servos, e mostraremos a sua interpretação. Respondeu o rei e disse: Eu sei com certeza que quereis ganhar tempo, porque vedes que o assunto me escapou. Mas, se não me fizerdes saber o sonho, para vós há um só decreto; porque preparastes palavras mentirosas e corruptas para falar perante mim, até que o tempo se mude; portanto, dizei-me o sonho, e saberei que podeis mostrar-me a sua interpretação. Daniel 2:7-9.

Ao final dos períodos de prova, a distinção que havia sido demonstrada no Monte Carmelo e em 22 de outubro de 1844 também foi ilustrada no capítulo dois de Daniel. Nas três representações proféticas do Monte Carmelo, da história milerita e do sonho de Nabucodonosor acerca da imagem, a ênfase recai sobre a correta interpretação profética, conforme representada por Elias, Miller e Daniel. A interpretação do sonho é a mensagem que é deslacrada na história em que duas classes de profetas se manifestam.

Os caldeus responderam diante do rei e disseram: Não há homem sobre a terra que possa revelar o assunto do rei; por isso, não há rei, senhor nem governante que tenha pedido tais coisas a qualquer mago, astrólogo ou caldeu. O que o rei exige é coisa difícil, e ninguém há que o possa revelar diante do rei, senão os deuses, cuja morada não é com os homens. Por essa causa, o rei se irou e enfureceu-se muito, e ordenou que fossem mortos todos os sábios da Babilônia. Daniel 2:10-12.

No Monte Carmelo, Elias propôs a prova, e a prova que ele propôs não era apenas para manifestar quem era o verdadeiro Deus, mas também quem era o verdadeiro profeta. No capítulo dois de Daniel, são os caldeus que identificam a prova que manifestou a distinção entre o verdadeiro e o falso. Eles explicam que a interpretação que Nabucodonosor está buscando só pode ser identificada por Deus, e não por homens. Eles também reclamaram que a relação entre Nabucodonosor e seus sábios religiosos era uma relação incorreta, quando afirmam que “é coisa rara o que o rei exige”. Eles desejam que o rei, representando o Estado, se mantenha fora do âmbito religioso, sobre o qual se entendia que eles eram as autoridades. Eles não estão protestando contra os princípios da combinação de Igreja e Estado; estão protestando porque Nabucodonosor, representando o Estado, está exigindo estar no controle da igreja. Eles ficariam confortáveis com uma relação Igreja-Estado, se os líderes religiosos governassem o Estado. O teste da imagem da besta, no qual decidimos nosso destino eterno - assim como o sonho da imagem de Nabucodonosor - é uma prova de vida ou morte.

E saiu o decreto de que os sábios fossem mortos; e procuraram Daniel e seus companheiros para serem mortos. Então Daniel respondeu com prudência e sabedoria a Arioque, capitão da guarda do rei, que tinha saído para matar os sábios da Babilônia: Ele respondeu e disse a Arioque, capitão do rei: Por que é tão apressado o decreto da parte do rei? Então Arioque fez saber a Daniel o caso. Daniel 2:13-15.

Quando Daniel é iluminado sobre a compreensão das circunstâncias de vida ou morte do sonho da imagem ainda desconhecida, ele está representando o esclarecimento dos cento e quarenta e quatro mil quanto ao fato de que eles estão na história do segundo teste, o visual, do processo de testes em três etapas. Mas Daniel não está simplesmente representando aqueles que optaram por seguir a dieta correta e, portanto, passaram no primeiro teste, mas também representa o agente humano a quem Deus havia concedido uma percepção especial da profecia bíblica.

Quanto a estes quatro jovens, Deus lhes deu conhecimento e habilidade em todo aprendizado e sabedoria; e Daniel tinha entendimento em todas as visões e sonhos. Daniel 1:17.

Embora os quatro hebreus fiéis tenham todos passado na prova alimentar, Daniel foi escolhido como o mensageiro de visões e sonhos. Daniel está representando o mensageiro profético, tal como representado por Elias, João Batista, João, o Revelador, William Miller e Future for America. O mensageiro profético nunca é separado da prova profética.

No tempo de Cristo, os que rejeitaram o testemunho de João não puderam ser beneficiados por Jesus. Na história milerita, os que rejeitaram a primeira mensagem (representada por William Miller) não puderam ser beneficiados pela segunda mensagem. Em ambas as histórias, os fiéis não reconheceram para onde o processo de prova os conduzia. Os discípulos se recusaram a ver a cruz, embora lhes tivesse sido dito claramente que isso aconteceria. Os mileritas não podiam ver o Grande Desapontamento. Daniel, ao ser informado por Arioque das circunstâncias de vida ou morte associadas ao sonho da imagem de Nabucodonosor, não sabia qual era o conteúdo do sonho nem para onde a prova da imagem conduzia. Tudo o que ele sabia era que se tratava de uma situação de vida ou morte. Daniel, portanto, precisava de tempo para entender a interpretação.

Então Daniel entrou e pediu ao rei que lhe desse tempo e que mostraria ao rei a interpretação. Daniel 2:16.

Daniel manifestou fé na dieta (metodologia) que havia decidido seguir na primeira prova. Portanto, foi-lhe concedido tempo, assim como aos discípulos no tempo de Cristo. O tempo que foi dado aos discípulos foi o período que abrangeu a morte, o sepultamento, a ressurreição e a ascensão inicial de Cristo, antes de Ele se encontrar com os discípulos no caminho de Emaús e, depois, novamente no cenáculo. Então, ao final desse tempo, Ele soprou sobre eles o Espírito Santo.

E, tendo dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo. João 20:22.

Ezequiel profetizou, e os ossos mortos foram reunidos. Então Ezequiel profetizou novamente, e o Espírito Santo foi soprado sobre os corpos recém-formados, e eles se puseram de pé como um exército poderoso. Quando Cristo soprou sobre os discípulos, Ele lhes abriu o entendimento.

Então ele lhes abriu o entendimento, para que compreendessem as Escrituras. Lucas 24:25.

Todos os profetas falam do fim do mundo, e Daniel não é exceção. O tempo que ele solicitou foi um período para que pudesse receber entendimento. O período de espera dos mileritas foi desde a primeira decepção até reconhecerem que estavam no tempo da tardança, em conexão com as profecias de Mateus, capítulo vinte e cinco, e de Habacuque, capítulo dois. A história do tempo da

tardança na história milerita foi cumprida no tempo da mensagem do segundo anjo. O capítulo dois de Daniel representa essa mesma história; assim, o seu pedido de tempo se alinha profeticamente com o tempo da tardança dos mileritas. Portanto, o pedido de tempo de Daniel e o tempo da tardança dos mileritas representam o tempo da tardança dos cento e quarenta e quatro mil, que começou em 18 de julho de 2020.

O pedido de Daniel por tempo para entender o sonho da imagem de Nabucodonosor é representado em Apocalipse capítulo onze como os três dias e meio em que as duas testemunhas jazem mortas na rua. Na história dos três dias e meio de Apocalipse onze, os três dias e meio que simbolicamente representam um deserto profético, há uma voz que clama. A voz humana que é empregada pelo Consolador para despertar e trazer à vida os ossos secos e mortos é representada por Daniel, a quem é dada a revelação profética do que era o sonho e do que ele representava. À voz que clama no deserto foi dado entendimento profético de sonhos e visões, como representado por Daniel. A voz está clamando, identificando assim que lhe foi dada a mensagem do Clamor da Meia-Noite, e o clamor é dado à meia-noite, que representa trevas.

Na escuridão mais profunda da meia-noite, a voz (Daniel) recebeu entendimento de uma mensagem que estava envolta em trevas. A ordem dada à voz (Ezequiel) é profetizar aos ossos secos e mortos. Ao fazê-lo, o Consolador é insuflado sobre os mortos na rua e eles são "revividos". Mas o avivamento só se realiza pela oração. A oração é um marco na história do avivamento dos ossos secos dos que foram mortos na rua. Daniel representa profeticamente esse marco, exatamente no lugar apropriado onde esse marco é identificado.

Um reavivamento da verdadeira piedade entre nós é a maior e mais urgente de todas as nossas necessidades. Buscá-lo deve ser nossa primeira obra. Deve haver esforço sincero para obter a bênção do Senhor, não porque Deus não esteja disposto a nos conceder Sua bênção, mas porque não estamos preparados para recebê-la. Nosso Pai celestial está mais disposto a dar o Seu Espírito Santo aos que Lhe pedem do que os pais terrenos a dar boas dádivas a seus filhos. Mas é nossa obra, por meio da confissão, humilhação, arrependimento e oração fervorosa, cumprir as condições sob as quais Deus prometeu conceder-nos Sua bênção. Um reavivamento deve ser esperado apenas em resposta à oração. Enquanto o povo estiver tão destituído do Espírito Santo de Deus, não pode apreciar a pregação da Palavra; mas quando o poder do Espírito toca seus corações, então os discursos proferidos não serão sem efeito. Guiados pelos ensinamentos da Palavra de Deus, com a manifestação de Seu Espírito, no exercício de sã discipulação, os que assistem às nossas reuniões adquirirão uma preciosa experiência e, ao regressarem para casa, estarão preparados para exercer uma influência salutar.

Os antigos porta-estandartes sabiam o que era lutar com Deus em oração e desfrutar o derramamento do Seu Espírito. Mas estes estão saindo de cena; e quem está surgindo para ocupar seus lugares? Como está a geração que está surgindo? Estão eles convertidos a Deus? Estamos despertados para a obra que está se realizando no santuário celestial, ou estamos esperando que algum poder venha sobre a igreja e nos constanja antes que nos despertemos? Estamos esperando ver toda a igreja reavivada? Esse tempo nunca virá.

"Há pessoas na igreja que não são convertidas e que não se unirão em oração fervorosa e perseverante. Devemos iniciar essa obra individualmente. Devemos orar mais e falar menos. A iniquidade abunda, e o povo deve ser ensinado a não se contentar com uma forma de piedade sem o espírito e o poder. Se estivermos resolvidos a examinar o nosso próprio coração, a abandonar os nossos pecados e a corrigir as nossas más tendências, nossas almas não se encherão de vaidade; seremos desconfiados de nós mesmos, tendo a constante convicção de que a nossa suficiência vem de Deus." Mensagens Escolhidas, livro 1, 121, 122.

Com base na fé na dieta que Daniel havia escolhido adotar, ele foi então submetido a um processo de teste visual que exigia que ele usasse a metodologia representada por sua dieta, primeiro para prometer que seu Deus identificaria e explicaria o sonho e, em seguida, para realizar a apresentação desse sonho ao rei. Ele possuía a dieta correta, ou a metodologia correta, e então deveria manifestar visualmente sua fé ao apresentar a mensagem do sonho da imagem de Nabucodonosor, que estava em absoluta "escuridão". Sua ação seguinte foi a manifestação visual de sua fé, pois então aplicou a fórmula divina para o povo de Deus quando se veem em trevas.

"As trevas do maligno envolvem os que negligenciam a oração. As tentações sussurradas do inimigo induzem-nos a pecar; e tudo porque não fazem uso dos privilégios que Deus lhes concedeu na instituição divina da oração. Por que deveriam os filhos e filhas de Deus relutar em orar, se a oração é a chave na mão da fé para abrir o tesouro do céu, onde estão guardados os recursos ilimitados da Onipotência? Sem oração incessante e vigilância diligente, corremos o risco de nos tornar descuidados e de nos desviar do caminho certo. O adversário procura continuamente obstruir o caminho até o trono da graça, para que, por fervorosa súplica e fé, não obtenhamos graça e poder para resistir à tentação." Caminho a Cristo, 94.

Diante da obscuridade do conteúdo do sonho noturno de Nabucodonosor, Daniel reuniu-se com seus três companheiros e orou.

Então Daniel foi para sua casa e fez saber o caso a Hananias, Misael e Azarias, seus companheiros: para que pedissem misericórdias ao Deus do céu a respeito desse segredo; para que Daniel e seus companheiros não pudessem com o resto dos sábios da Babilônia. Então o segredo foi revelado a Daniel numa visão noturna. Então Daniel bendisse ao Deus do céu. Daniel respondeu e disse: Bendito seja o nome de Deus para todo o sempre, porque a sabedoria e o poder são dele; ele muda os tempos e as estações; remove reis e estabelece reis; dá sabedoria aos sábios e conhecimento aos que têm entendimento; revela as coisas profundas e secretas; conhece o que está nas trevas, e a luz habita com ele. A ti, ó Deus de meus pais, eu te dou graças e te louvo, pois me deste sabedoria e poder, e agora me fizeste saber o que te pedimos; porque nos fizeste saber agora o assunto do rei. Daniel 2:17-23.

Daniel foi então recompensado por Aquele que "sabe o que está nas trevas". O movimento pela legislação dominical prossegue nas trevas, e aqueles que professam consumir a dieta divina devem reconhecer a formação da imagem da besta que prepara a plataforma religiosa e política para impor a marca da autoridade papal.

O capítulo dois de Daniel não está apenas identificando a história do segundo anjo na história milerita; mais diretamente, ele está ilustrando a história do segundo anjo no movimento do terceiro

anjo. Na prova do sonho da imagem de Nabucodonosor, está representada a prova da imagem da besta. Os passos proféticos do despertar do povo de Deus para as circunstâncias de vida ou morte da iminente lei dominical estão sendo muito especificamente identificados nos livros de Daniel e Apocalipse.

Daniel representa o mensageiro do período da história em que a mensagem de vida ou morte do sonho da imagem é proclamada. Ele se mantém fiel à dieta que passou a compreender e, pela fé, declara que Deus pode revelar a visão, mas pede tempo. Esse tempo é o tempo da tardança. Ao término do tempo da tardança, ele recebe conhecimento do que havia no sonho sombrio de Nabucodonosor, mas não apenas isso. Ele não apenas recebe entendimento do sonho da imagem, que tipifica a imagem da besta e o teste a ela associado, como também louva a Deus ao final do tempo da tardança, pois Deus "dá sabedoria aos sábios e conhecimento aos que têm entendimento; revela as coisas profundas e ocultas; conhece o que está nas trevas, e a luz habita com Ele".

Daniel está aqui situando o seu louvor no contexto de que houve um "aumento do conhecimento", pois ele, no capítulo doze, identifica que os "sábios" compreenderão o "aumento do conhecimento", e também está louvando a Deus por Ele ter dado "sabedoria" e "conhecimento" aos "sábios". Ele faz referência direta às virgens prudentes e conecta o seu tempo ao tempo de tardança. Ele está inserindo a ilustração encontrada no capítulo dois diretamente no cumprimento perfeito do tempo de tardança de Mateus vinte e cinco no movimento do terceiro anjo. Mais significativo é o fato de que o livro do Apocalipse afirma que, pouco antes do fechamento da porta da graça, foi dito a João que não selasse as palavras das profecias dos livros de Daniel e Apocalipse, pois são o mesmo livro.

E disse-me: Não seles as palavras da profecia deste livro, pois o tempo está próximo. Quem é injusto, faça ainda injustiça; e quem é imundo, seja ainda imundo; e quem é justo, pratique ainda a justiça; e quem é santo, santifique-se ainda. Apocalipse 22:10, 11.

O tempo em que as profecias de Daniel e Apocalipse devem ser deslacradas é o tempo de tardança da parábola das dez virgens, e esse tempo é representado pelo pedido de tempo de Daniel. Seu pedido de tempo foi seguido por oração, a qual deve ocorrer antes da ressurreição dos ossos mortos e secos. No período em que o aumento do conhecimento e o entendimento da imagem do sonho, que está envolta em trevas, foram revelados, Deus fez outra coisa por Daniel. "Ele revela as coisas profundas e secretas." A faceta secreta da história do Clamor da Meia-Noite é a profecia em Apocalipse que é deslacrada pouco antes de se encerrar o tempo de graça. Essa "coisa profunda e secreta" é "verdade".

A verdade torna-se a chave profética que é aberta ao mensageiro representado por Daniel, permitindo que a história oculta dos "sete trovões" seja reconhecida. A história oculta é a história de três marcos. O primeiro é um desapontamento e o último é um desapontamento, como ilustrado na história milerita. A palavra hebraica que é traduzida como "verdade" foi criada pelo "Maravilhoso Linguista", por meio da combinação da primeira, da décima terceira e da última letra do alfabeto hebraico. Jesus é o primeiro e o último, e Ele é a "verdade". A estrutura da palavra que foi criada pelo "Maravilhoso Linguista" identifica os três marcos proféticos que constituem a

história oculta dos "sete trovões", que deveriam ser selados até que Daniel pedisse "tempo" e fosse à oração.

O desapontamento de 18 de julho de 2020 foi o primeiro marco, e ilustra o desapontamento associado ao último dos três marcos, que é a Lei Dominical. A letra do meio, a décima terceira letra, é um símbolo de rebelião, e é um símbolo do marco intermediário da história oculta dos sete trovões. A rebelião é representada pelas virgens néscias no Clamor da Meia-Noite, pois o Clamor da Meia-Noite é o marco intermediário da história em três etapas de 18 de julho de 2020, do Clamor da Meia-Noite e da iminente Lei Dominical. Assim que chega a meia-noite, o tempo avança para a décima terceira hora, na qual a manifestação visível das virgens néscias é demonstrada pelo reconhecimento de que não possuem o azeite dourado.

No "deserto" simbólico dos "três dias e meio" do capítulo onze do Apocalipse, o povo de Deus é representado como estando na história simbólica da maldição de "sete tempos". Ao final desse período, devem reconhecer que foram dispersos, que pecaram, que seus pais pecaram, que têm andado em oposição a Deus e que Deus tem andado em oposição a eles. Esse reconhecimento deve levá-los a fazer a oração de Levítico vinte e seis. Esse reconhecimento de que devem fazer a oração de Levítico vinte e seis alinha-se profeticamente com a oração de Daniel no capítulo dois, e é ilustrado pela oração de Daniel no capítulo nove. A razão pela qual Daniel fez a oração de Levítico vinte e seis no capítulo nove baseou-se em seu reconhecimento de que estava no fim dos setenta anos da profecia de Jeremias sobre o cativo do povo de Deus.

Esses mesmos setenta anos representam a história do selamento do povo de Deus. Esses setenta anos representam a purificação do capítulo três de Malaquias e as duas purificações do templo realizadas por Cristo. Representam a história da prova da imagem da besta. Essa história começou em 11 de setembro de 2001 e termina com a iminente lei dominical. No fim desse período simbólico de setenta anos, Daniel busca um "tempo de tardança" para poder orar. Sua oração foi atendida quando o último segredo da profecia lhe foi revelado. Essa revelação veio enquanto o verdadeiro povo protestante de Deus ainda estava no tempo de dispersão no "deserto" após 18 de julho de 2020. Naquela época, a "verdade" foi revelada à "voz que clama no deserto".

Continuaremos o capítulo dois de Daniel no próximo artigo.

E a ira do Senhor se acendeu contra esta terra, para trazer sobre ela todas as maldições que estão escritas neste livro; e o Senhor os arrancou de sua terra com ira, com furor e com grande indignação, e os lançou para outra terra, como é até o dia de hoje. As coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus; mas as coisas reveladas pertencem a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei. Deuteronômio 29:27-29.